



Por uma televisão de qualidade: nota de leitura

JOST (dir.), François. *Pour une télévision de qualité*. Paris: INA Editions, 2014, 278 p.

POR_Mariana de Souza Gomes¹ e Marie-Caroline Neuvillers² 199

Em setembro de 2012, mais de vinte pesquisadores e profissionais do audiovisual reuniram-se na Universidade Sorbonne Nouvelle e no Instituto Nacional do Audiovisual (INA) no colóquio “O que é uma televisão de qualidade?” [*Qu'est-ce qu'une télévision de qualité ?*] para tentar definir e discutir sobre as questões que poderiam caracterizar a qualidade de um programa ou de um canal. Deste debate nasceu o livro *Pour une télévision de qualité*, ou *Por uma televisão de qualidade*, sob a direção de François Jost. Composto por quatro temáticas, o livro apresenta quatro diferentes ângulos de noção de qualidade televisual. Os vinte e dois autores se esforçam em compreender o conceito a partir da produção e recepção dos conteúdos televisivos. O que realmente se questiona quando debatemos acerca da qualidade? Quais

medidas adotar para pensar uma qualidade na televisão e uma televisão de qualidade? Essas questões regem os artigos presente no livro.

Antes da autonomia dos canais franceses TF1, Antenne 2 e France Régions 3 em 1974, a qualidade dos programas era vista como um tipo de satisfação perante ao público (Chambat-Houillon, 2014:98). Após a lei de 1974, o debate sobre a qualidade na televisão ganha força, pois estes três canais devem repartir o dinheiro público destinado ao audiovisual. Ainda que o contexto seja de uma esfera pública, a fim de evitar a concorrência pela audiência, a distribuição do valor releva também a qualidade dos programas dos canais.

Em países onde a televisão nasce em um contexto privado, como o Brasil e os Estados Unidos, a busca

¹ Doutoranda em Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3 com bolsa de doutorado no exterior da CAPES. Membro do CEISME (Centro de Estudos de Imagens e Sons Midiáticos), a doutoranda tem mestrado em Produção Cultural pela mesma universidade. Durante sua formação em Letras (Português-Francês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mariana Gomes realizou uma pesquisa interdisciplinar sobre a relação entre Pintura e Literatura francesas do século XIX.

² Doutoranda em Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3 e professora substituta em Comunicação da Universidade Paris-Est Créteil. Membro do CEISME (Centro de Estudos de Imagens e Sons Midiáticos).

pela qualidade é o emblema dos canais públicos (TV Brasil e PBS, respectivamente), que opõem educação e formação de um cidadão ao divertimento. Esta missão educativa é também, segundo François Jost (2014: 15), uma reação à televisão comercial que poderia prejudicar o desenvolvimento das crianças. Entretanto, os canais infantis ainda não chegaram a um consenso sobre qualidade: Carolina Duek (2014:217) critica o hiperpedagogismo dos programas para criança no canal argentino PakaPaka, que utilizam religiosamente a equação “pedagogia + conteúdo educativo = televisão de qualidade”.

Uma das dificuldades da definição da qualidade televisiva é devida ao grande atraso que tiveram os pesquisadores para apreender a televisão como um objeto de estudo universitário. Segundo Eva Pujadas (2014:39), a maioria dos pesquisadores que recusam estudar a televisão ou a qualidade na televisão tem uma visão elitista da cultura. Entretanto, Eduardo Torres (2014:60) afirma que a definição de qualidade de um programa deve ser pensado de forma homogênea sem ser etiquetado a apreciação de um grupo ou de uma classe social. Ele afirma ainda que o mundo universitário é capaz de pensar sobre a qualidade de forma neutra e independente, o que pode contribuir para a definição da cultura na televisão.

Vale ressaltar que a televisão é também um meio que permite a todos o acesso a obras culturais. Assim, Sylvie Pierre (2014:90) cita Jean d’Arcy para afirmar que um dos objetivos da televisão é de fazer o público participar individualmente e contribuir para a comunicação entre o telespectador e a sociedade. A respeito da televisão argentina, Marita Soto e Oscar Steimberg confirmam o interesse sócio-político em fazer com que a televisão seja um meio difusor de conhecimento e cultura. Segundo os pesquisadores, (2014:116), a lei de 2009 que substitui a de 1980 – período ditatorial – estimula a participação dos setores da sociedade, como as ONG ou os sindicatos, por exemplo. Esta nova lei tem como fins “a democratização, a acessibilidade econômica e a universalização dos serviços de comunicação” (Id.).

De acordo com Stéphane Billaud e Emilie Remond (2014:70-71), um dos critérios de qualidade proposto pela norma ISO 8402 é a tentativa de amalgamar ao máximo o telespectador, o autor e o produtor? Desta forma, o produtor poderia certificar-se da exportabilidade de uma obra audiovisual, o canal reiteraria sua audiência, o autor poderia conquistar a notoriedade e, por sua vez, o telespectador receberia a emoção. É desta forma que as novelas brasileiras são concebidas: a partir de critérios de qualidade como o

investimento de recursos em suas produções, de contratos de exclusividade e de peripécias na narrativa e dos personagens a fim de proporcionar emoções ao telespectador (Maria Immacolata Lopes, Maria Cristina Munglioli & Clarice Alves, 2014: 198 ; 203). Desta forma, uma novela pode ser exportada, o canal (neste caso, a Globo) aumenta sua audiência e o telespectador compartilha alegrias, tristezas e compaixão com o cotidiano dos personagens.

Em relação a qualidade dos programas, o canal estadunidense HBO se impõe como um exemplo significativo. Produtora de séries originais que integraram a história da televisão, HBO constrói uma imagem elitista, baseada sobre seu aspecto exclusivo e ideia de qualidade. As séries tornam-se uma essência para o canal, que para Kim Akass e Janet Mc Cabe (2014:123), impõe “novas regras de escrita da ficção televisiva”, tomando cuidado para não sair do gênero no qual a ficção ocorre. Hélène Monnet-Cantagrel parece estar de acordo ao desmentir o slogan do canal “It’s not television, it’s HBO” (2014:141): as séries produzidas exploram precisamente “temas característicos da ficção serial televisiva” (Id.). Assim, *Six Feet Under* ou *The Wire* abordam a família e uma enquete, temas quistos pelo público. A narrativa seriada seria então uma estratégia de fidelização de HBO.

A complexidade do debate acerca da qualidade televisiva que HBO reclama para si é justamente ampliada pelo impacto da ficção estadunidense, segundo Charo Lacalle (2014:149), identificada a Quality TV. Assim, se este conceito concentra-se sobre a diversidade e o sistema de televisão na Europa, nos Estados Unidos o debate se focaliza essencialmente sobre a ficção e refere-se à estética e ao gosto. A partir destes dois paradigmas, a autora estabelece uma classificação da ficção em relação a qualidade, opondo a Good TV (didática e informativa) a Quality TV (complexa e intertextual) e questionando sobre a necessidade de opor estas duas noções, uma podendo concordar com a outra, como vários programas souberam testemunhar ao longo do tempo.

Esta é igualmente a questão argumentada por Philippe Lavat (2014:161) ao analisar a série *Os Simpsons*. O autor pretende determinar em que momento estamos confrontados à qualidade e como ela se determina através do programa em si e da programação. Na França, a série beneficia de uma posição favorável na grade de Canal + por ser exibida às vinte horas, o que incita a maior visualização do programa e afiliando os conteúdos juvenis com programas ditos reflexivos sobre a mídia, ocasionando uma “contra-programação” (2014:168). A programação influen-

ciaria então sobre a apreensão que um telespectador pode fazer de um programa.

Como consta no presente livro, a respeito de qualidade televisiva a ficção estadunidense parece tornar um objeto de estudo principal para boa parte de pesquisadores. Uma focalização podendo prejudicar as pesquisas sobre televisão e qualidade: Milly Buonanno (2014:173) vê um risco de uma oposição binária onde “tudo que não é estadunidense não poderia reivindicar-se como televisão de qualidade”. A autora afirma que o trabalho de um pesquisador é de ser plural e não exclusivo, considerando o interesse real que encontram outros conteúdos que se inscrevem em uma tradição de qualidade.

Se os canais de televisão buscam produzir conteúdos de qualidade e adotar um discurso que a exalta como tal, é necessário que eles sejam críveis pelo telespectador e por outras instâncias de legitimação, ângulo final do livro. Assim, Bernard Papin (2014:233) descreve os paradoxos da revista *Télérama*¹ dos anos 60, onde ela se engaja por uma televisão de qualidade indo contra a opinião de seus leitores. A avaliação de uma produção televisiva aparece então como uma tarefa complicada, e não “trocar a ética pela estética” é uma dificuldade encontrada igualmente pelos organizadores do Festival Internacional de Televisão de Monte-Carlo, como mostra Géraldine Poels (2014:245). Criado sob a égide da moral e do humanismo, o festival encontra dificuldades para estabelecer critérios pertinentes de avaliação da qualidade televisiva, contentando-se em premiar produções com sucesso de audiência, conciliando qualidade e sucesso de massa.

E se justamente os primeiros júris da competição de Monte-Carlo foram criticados por não serem profissionais da televisão, as novas tecnologias permitem hoje aos telespectadores, “simples amadores”, de assumirem o papel de julgar a televisão (2014:273). A partir de um corpus constituído de tweets durante a série *Plus belle la vie*, Virginie Spies (Id.) afirma que os conteúdos das mensagens caracterizam-se mais pelo que é sentido que pela procura da troca de tweets, emitindo vários julgamentos sobre a qualidade e permitindo ao telespectador de se afirmar pelo seu discurso, enquanto fã pertencente a uma comunidade. Desta forma, o sucesso do live-tweet evidencia “agora mais do que nunca uma prática coletiva” (Ibid.).

Se a definição e os critérios de qualidade podem ser plurais, este livro consitiu uma obra de referência

1 Revista francesa de referência de programas de televisão, cinema e atividades culturais.

e um excelente apoio à pesquisa e ao debate, baseando-se em exemplos concretos de programas e canais que, seja por auto-definição (HBO), resposta ao mercado audiovisual (TV Brasil e PBS) ou pela difusão de valores morais e educativos (PakaPaka), constituem suas próprias qualidades televisuais.

REFERÊNCIA

- AKASS, K.; MCCABE, J. “Ce n'est pas de la télévision, c'est de la télévision de qualité: quand HBO redéfinit la TV”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 123-140.
- BILLAUD, S.; REMOND, E. “Télévision et qualité: un grand malentendu?” In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 65-80.
- BUONANNO, M. “La romance transatlantique des études télévisuelles et la tradition de qualité du téléfilm italien”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 173-186.
- CHAMBAT-HOUILLON, M.-F. “Service public et qualité: l'exemple de la télévision française des années 1970”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 97-112.
- DUEK, C. “L'enfance, la télévision et l'état argentin: une discussion sur la qualité des programmes télévisés pour enfants”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 207-218.
- JOST, F. “Comment parler de la qualité?” In: _____ (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p.11-28.
- LACALLE, C. “Le débat sur la qualité de la fiction télévisuelle à l'époque de la transmédiatité”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 149-160.
- LAVAT, P. “Les Simpson: qualité du programme, qualité de la programmation”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 161-172.
- LOPES, M.I.V.; MUNGIOLI, M.C.P.; ALVES, C.G. “Les telenovelas brésiliennes: une idée nationale de la qualité de portée mondiale?” In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 187-206.
- MONNET-CANTAGREL, H. “Les séries HBO, style et qualité”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 141-148.
- PAPIN, B. “Exigence esthétique et évaluation éthique des programmes: la qualité télévisuelle à la lumière de l'évangile dans le *Télérama* des années soixante”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 233-245.
- PIERRE, S. “Archéologie de la qualité à la télévision: analyse historique, perspective éthique et pratique”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 83-96.
- POELS, G. “Le festival international de télévision de Monte-Carlo à la recherche de la qualité télévisuelle (1960-2011)”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 245-260.
- PUJADAS, E. “Télévision de qualité: thèmes et nouvelles perspectives”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p. 29-42.
- SEBAN, F.S.D. “Six fois deux, le bégaiement créateur ou donner à voir l'imperceptible à la télévision”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p.219-230.
- SOTO, M.; STEIMBERG, O. “Politiques de médias et jugements de qualité”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p.113-120.
- SPIES, V. “Lorsque les téléspectateurs jugent la qualité des programmes sur Twitter”. In: JOST, F. (Org.). **Pour une télévision de qualité**. Paris: INA Editions, 2014. p.261-272.

TORRES, E. C. “Comprendre et dépasser les difficultés de l'évaluation académique de la qualité à la télévision” In: JOST, F. (Org.). *Pour une télévision de qualité*. Paris: INA Editions, 2014. p. 43-64.

202

[Resenha recebida 10 de janeiro de 2015 e aprovada 31 de janeiro de 2015.]